

GÊNERO E RAÇA: UM MERGULHO NOS ESTUDOS DE COMUNICAÇÃO E RECEPÇÃO

*GENDER AND RACE: A DIVE IN THE COMMUNICATION AND
RECEPTION STUDIES*

*GÉNERO Y RAZA: UNA INMERSIÓN EN LOS ESTUDIOS DE
COMUNICACIÓN Y RECEPCIÓN*

Tania Montoro
Professora, Universidade de Brasília (UnB)
taniamontoro@unb.br

Ceiça Ferreira
Doutoranda, Universidade de Brasília (UnB)
ceicaferreira@gmail.com

Resumo

A partir de artigos publicados em revistas científicas classificadas pela avaliação CAPES/Qualis nos conceitos A1, A2 e B1 em julho de 2013, este estudo realiza um breve levantamento da interseção de gênero e raça nas pesquisas em comunicação audiovisual e cinema, com o objetivo de identificar novas perspectivas, temáticas e abordagens, particularmente relacionadas aos estudos de recepção audiovisual. Propõe-se ainda uma reflexão sobre as possibilidades e os desafios deste campo de investigação, que articula cultura, crítica feminista, relações de gênero e as experiências dos sujeitos. Em linhas gerais e a partir dos dados coletados, pode-se afirmar que a pesquisa integrada entre gênero e raça tem uma representatividade limitada no âmbito da comunicação audiovisual brasileira e também é pouco contemplada nos estudos de recepção no País.

Palavras-chave: Gênero e Raça. Comunicação Audiovisual. Recepção.

Abstract

From articles published in scientific journals classified by CAPES/Qualis evaluation in the concepts A1, A2 and B1 in July 2013, this study presents a brief survey of the intersection of gender and race in research on audiovisual communication and cinema, with the aim of identifying new perspectives, thematics and approaches, particularly related to the studies of audiovisual reception. It also proposes a reflection concerning the possibilities and challenges of this field of investigation, which articulates culture, feminist criticism, gender relations and the experiences of the subjects. In general lines and from the data collected, it can be inferred that the intersection between gender and race have a limited representativeness in the scope of Brazilian audiovisual communication and it is also rarely covered by the studies of reception in the country.



Esta obra está licenciada sob uma Licença Creative Commons

ANIMUS

Revista Interamericana de Comunicação Midiática
E-ISSN 2175-4977 | v.13 n.25 | 2014 | www.ufsm.br/animus



Keywords: Gender and Race. Audiovisual Communication. Reception.

Resumen

Desde los artículos publicados en revistas clasificadas por la evaluación CAPES/Qualis en los conceptos A1, A2 y B1 en julio de 2013, este estudio realiza una breve reseña de los artículos publicados en publicaciones científicas sobre el género y la raza en la investigación de la comunicación audiovisual y el cine, con el objetivo de identificar otras perspectivas, temas y enfoques, sobre todo relacionados con los estudios de recepción audiovisual. También se propone una reflexión sobre las posibilidades y los desafíos de esta perspectiva de investigación, que se articula con la cultura, la crítica feminista, las relaciones de género y las experiencias de los sujetos. En líneas generales y desde los datos recogidos, se puede afirmar que la intersección de las categorías raza y género tiene poca representación dentro de la comunicación audiovisual brasileña y también es raramente abordada en los estudios de recepción en el país.

Palabras-clave: Género y Raza. Comunicación Audiovisual. Recepción.

1 INTRODUÇÃO

Os estudos de recepção na comunicação audiovisual são frutos dos debates ocorridos nos anos de 1970 e 1980, especialmente em razão das novas perspectivas apontadas pelos Estudos Culturais, principalmente por Stuart Hall com o modelo *Encoding/Decoding*, que ressalta a importância da recepção no processo comunicacional, visto as diferentes possibilidades de interpretação que espectadoras e espectadores, a partir dos contextos sociais, políticos, históricos e culturais, podem fazer dos textos, conteúdos e narrativas veiculadas pelos meios de comunicação.

Hall (2003) enaltece o caráter negociado desse processo de decodificação, pois o espectador pode reconhecer a legitimidade dos discursos hegemônicos, mas em um nível mais restrito, interpretá-los de acordo com suas próprias regras e concepções.

Em consonância com essa visão da cultura como uma esfera de múltiplos e diferenciados conflitos e disputas de poder, também em meados dos anos de 1970 e 1980, teóricos como Jesús Martín-Barbero, Nestor Garcia Canclini e Guilherme Orozco desenvolveram de acordo com as realidades e os contextos políticos, sociais e culturais latino-americanos uma visão específica das relações entre comunicação e cultura.

Neste contexto, Martín Barbero (1987) propõe no livro *De los medios a las mediaciones*, o deslocamento do foco da análise da comunicação para o papel do espectador, que passa a ser visto sob uma perspectiva dialógica em relação às mensagens midiáticas.

Conforme aponta Jacks (2011), a incorporação dessa vertente latino-americana e suas contribuições teórico-metodológicas no desenvolvimento da pesquisa de recepção brasileira, começa nos anos de 1990. A autora situa os estudos de Jacks ([1993] 1999) e de Ronsini (1993) como pioneiros neste contexto, visto que tais investigações tinham como foco as mediações da cultura regional e da cultura camponesa na recepção da telenovela.

Ao mapearem o conjunto de teses e dissertações que enfocam de modo central práticas de recepção midiática, produzidas por programas de pós-graduação em Comunicação no período de 1990 a 1999, Escosteguy e Jacks (2005) constataram a predominância de estudos que trabalham uma abordagem sociocultural, definida por Escosteguy (2003; 2004)¹ como uma visão ampla e complexa do processo de recepção, que considera e problematiza do ponto de vista teórico e empírico as múltiplas e diferenciadas relações sociais e culturais entre indivíduos e produtos midiáticos.

A televisão como o meio mais estudado; a importância da identidade cultural, a atuação da família e de professores no processo de recepção televisiva são outros aspectos constatados por Escosteguy e Jacks (2005). No que concerne à questão de gênero, as autoras também ressaltam que nas pesquisas de recepção latino-americanas que privilegiam as mulheres, estas são consideradas apenas como informantes, já que não se problematiza a condição feminina em seu sentido estrutural na configuração da sociedade, nas relações de gênero, ou seja, não lhe é conferida densidade teórica ou analítica.

Tal perspectiva enclausura o conceito de gênero exatamente na questão principal que ele busca combater, como ressalta Scott (1995):

O “gênero” parece ter aparecido primeiro entre as feministas americanas que queriam insistir no caráter fundamentalmente social das distinções baseadas no sexo. A palavra indicava uma rejeição ao determinismo biológico implícito no uso de termos como “sexo” ou “diferença sexual”. O gênero sublinhava também o aspecto relacional das definições normativas das feminilidades. As que estavam mais preocupadas com o fato de que a produção dos estudos femininos centrava-se sobre as mulheres de forma muito estreita e isolada, utilizaram o termo “gênero” para introduzir uma noção relacional no nosso vocabulário analítico. Segundo esta opinião, as mulheres e os homens eram definidos em termos recíprocos e nenhuma compreensão de qualquer um poderia existir através de estudo inteiramente separado (SCOTT, 1995, p.72).

¹ Embora a abordagem sociocultural seja que mais se aproxime da pesquisa aqui proposta, vale mencionar as outras duas abordagens delineadas por tal autora: “comportamental”, que agrega pesquisas que estudam diferentes impactos comportamentais derivados dos meios; e “outras”, que reúne pesquisas de orientação diversa, como por exemplo, o receptor idealizado sob o ponto de vista do emissor e a revisão e descrição de teorias da recepção.

Além dessa desnaturalização da diferença sexual, o conceito de gênero possibilitou analisar as conexões entre as assimetrias de gênero, veiculadas pelos meios de comunicação e pelo cinema com as relações de poder existentes no âmbito social e doméstico.

Por meio da noção de “tecnologia de gênero”, Teresa de Lauretis (1994) compreende que tais hierarquizações, baseadas na diferença sexual são estruturas e funcionam como elementos estruturantes do aparelho cinematográfico, dos discursos, das epistemologias e das práticas institucionalizadas ou cotidianas.

Essas tecnologias de gênero impõem novos significados, condutas e afetos, que incidem como normas e regimes de verdades nos processos de subjetivação dos indivíduos. Por tais razões, e além do modo como as representações de gênero são construídas, a autora preocupa-se também com a recepção, ou seja, as formas como essas imagens e conteúdos são subjetivamente recebidas pelos sujeitos sociais.

[...] A ideia crucial é o conceito de platéia, que a teoria feminista estabeleceu como um conceito marcado pelo gênero; o que equivale dizer que as maneiras pelas quais cada pessoa é interpelada pelo filme, as maneiras pelas quais sua identificação é solicitada e estruturada no filme específico, estão intimamente e intencionalmente sendo explicitamente relacionadas ao gênero do espectador. Tanto nos estudos críticos quanto nas práticas feministas de cinema, a exploração da platéia feminina vem nos proporcionando uma análise mais sutilmente articulada do modo pelo qual as mulheres apreciam filmes e formas cada vez mais sofisticadas de interpelação na cinematografia [...] (LAURETIS, 1994, p.222)

Embora se evidencie a relevância e a necessidade de estudar essas diferentes formas de leitura e interpretação da narrativa cinematográfica, que podem revelar uma pluralidade de estratégias de mediação e significação dadas pelos/as espectadores/as em suas práticas culturais e sociais, a maioria dos estudos ainda centra-se sobre os sentidos das mensagens, seja na pesquisa brasileira em comunicação audiovisual sob o viés feminista e de gênero, (conforme mencionado); seja nos estudos brasileiros de cinema, pois como aponta Mascarello (2005, p.1) “o público espectador concreto segue desconsiderado como objeto de pesquisa”.

Segundo Montoro (2009) e Escosteguy (2008), os estudos feministas e de gênero vem desde os anos de 1990 ganhando força na pesquisa em Comunicação no Brasil, com estudos principalmente sobre mídia impressa e audiovisual, e que apresentam diferentes abordagens teóricas e metodológicas.

No entanto, as autoras destacam a inexistência de um levantamento completo da produção científica sobre gênero e comunicação e a resistência na incorporação da temática nos currículos universitários, especialmente de graduação como as principais dificuldades para o desenvolvimento desse campo de estudo.

Sobre a ausência de pesquisas bibliográficas denominadas “estado da arte” no âmbito da comunicação, Escosteguy (2008) revela que:

[...] Não temos o hábito de produzir “estados da arte”, ao contrário do que acontece em outros contextos geográficos e disciplinares. Muito menos de valorizar trabalhos deste tipo, pois no geral são vistos como enfadonhos, formalistas e “de segunda”. E, ainda, a pesquisa feita no campo acadêmico da comunicação é com frequência invisível aos próprios pesquisadores em comunicação (ESCOSTEGUY, 2008, p.8).²

Buscando suprir parcialmente esta lacuna, tais autoras realizaram mapeamentos sobre as pesquisas elaboradas nos programas de pós-graduação em comunicação e audiovisual e em outras áreas das ciências sociais que se debruçam sobre objetos afins.

Ao analisar também artigos, capítulos de livros e *papers* apresentados em congressos e associações científicas como a Sociedade Brasileira de Estudos de Cinema e Audiovisual (SOCINE) e a Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação (COMPÓS), no período de 1995 a 2008, Montoro (2009, p.16) destaca que “há uma escassa produção de teses/ dissertações/artigos que tomem os estudos de gênero no cruzamento com estudos de raça e etnias na análise fílmica e de TV”.

Considerando esse panorama de escassez de estudos sobre o cruzamento de gênero e raça nas pesquisas de comunicação audiovisual e cinema, mas também as recentes transformações ocorridas a partir dos anos 2000, com um aumento de estudos de gênero e mídia, “no número de trabalhos apresentados em congressos, publicações e dissertações e teses de Comunicação” (SIFUENTES, SILVEIRA; OLIVEIRA, 2012, p.189), é que se propõe um breve levantamento de artigos científicos (publicados em revistas classificadas na avaliação Qualis/Capes nos conceitos A1, A2 e B1), que abordem a interseção das identidades de gênero e raça nas pesquisas de comunicação audiovisual e cinema, e observar nestas o desenvolvimento de estudos de recepção.

2 DESENVOLVIMENTO

² De acordo com Ferreira (2002) as principais características dessas pesquisas são: o desafio de mapear e discutir uma certa produção acadêmica em diferentes campos do conhecimento; o tipo de metodologia, são pesquisas bibliográficas, e também possuem caráter inventariante e descritivo da produção acadêmica e científica; e o interesse em responder: a) que perspectivas, temáticas e procedimentos teóricos e metodológicos que vem sendo destacados em diferentes lugares e momentos históricos; e b) de que forma e em que condições são produzidas tais publicações científicas, provenientes dos programas de pós-graduação, revistas acadêmicas e congressos e de seminários.

2.1 Mapeando ausências: estudos de recepção e a interseção entre gênero e raça

Em contraponto à grande quantidade de estudos sobre recepção televisiva no Brasil, Mascarello (2005) elucida a precariedade do campo dos estudos de recepção cinematográfica, evidenciada no mapeamento *Estudos Brasileiros de recepção: a produção acadêmica da década de 90* (JACKS, et al., 2002). Segundo o autor,

[...] das 52 teses e dissertações na área da recepção levantadas por Nilda Jacks et al. (2002) para a década de 1990, duas apenas possuem como objeto o cinema, contra uma maioria sem adversários da televisão. Por outro lado, um exame do material reunido nas cinco antologias de textos dos Encontros da SOCINE mostra que, num universo de 248 trabalhos, somente oito trazem o tema da espectadorialidade - nenhum envolvendo a realização de estudo empírico. O previsível corolário desse quadro é que simplesmente inexitem pesquisas nacionalmente conhecidas sobre a recepção de filmes brasileiros (MASCARELLO, 2005, p. 152).

O autor defende que três aspectos teóricos e político-institucionais se destacam como responsáveis por essa marginalização do interesse pelas audiências cinematográficas. O primeiro é a ênfase dada à produção de trabalhos sobre diretores cinemanovistas, em especial Glauber Rocha, o que limita tal campo de investigação, já que ao valorizar o cânone, atua também na desvalorização de outras perspectivas; o segundo é a desatualização da teoria de cinema lida e praticada no Brasil, especialmente com relação ao tema da espectadorialidade que impossibilitam um diálogo com a produção teórico-metodológica internacional – os estudos culturais e o cognitivismo, que reconhecem o papel do espectador na construção dos significados dos filmes.

Mascarello (2004) enfatiza que há uma particularização local dessa perspectiva textualista que constitui o terceiro aspecto responsável pela escassez dos estudos de recepção cinematográfica no país, uma vez que, em grande parte dos trabalhos e pesquisas de cinema, prioriza-se o analítico em detrimento do teórico e do empírico, o que se justifica pela insuficiente problematização do paradigma textualista, decorrente da desatualização teórica já mencionada. Intimamente relacionados, esses três aspectos inviabilizam o desenvolvimento da pesquisa teórico-aplicada no campo da espectadorialidade.

Vale mencionar, no entanto, a publicação em 2013 do livro *A recepção cinematográfica: teoria e estudos de casos*. Organizada por Mahomed Bamba, um dos coordenadores do seminário temático de recepção e espectadorialidade da SOCINE, essa coletânea pode ser uma contribuição relevante, visto que reúne os principais debates teóricos sobre a recepção e a espectadorialidade cinematográficas e apresenta resultados de estudos

empíricos brasileiros, com diversas perspectivas de interpretação, leituras e dinâmicas de consumo cultural do suporte cinematográfico.

Também atentando-se para outras vertentes da pesquisa da recepção cinematográfica, Stam (2003) e Smelik (1999) destacam as pesquisas sobre espectralidade desenvolvidas sob uma abordagem culturalista no cenário anglo-americano, que analisam como as categorias de gênero e raça incidem nas formas como espectadores/as veem e se relacionam com o filme, como é o caso dos estudos das teóricas feministas bell hooks³ (1992) e Jacqueline Bobo (1995).

No ensaio *The Oppositional Gaze*, hooks (1992) discute como a experiência da escravização e de marcadores sociais como gênero, raça e classe são determinantes na constituição de uma espectralidade feminina negra. A autora argumenta que a punição imposta aos escravizados pelo simples ato de olhar, produziu nas mulheres negras um “olhar de oposição” à forma como elas são retratadas nos filmes e na mídia em geral.

Além de não desenvolverem processos de identificação, as espectadoras negras filtram e ressignificam tais representações. “Como espectadoras críticas, as mulheres negras participam de uma ampla gama de relações de olhar, procurar, contestar, resistir, revisar, interrogar, e inventar em vários níveis” (hooks, 1992, p.128)⁴.

Esse “olhar de oposição” é o foco da pesquisa de Jacqueline Bobo. Diante da repercussão negativa do filme *A cor Púrpura* (Steven Spielberg, 1985), considerado racista pela crítica e pela imprensa negra, essa pesquisadora buscou examinar quais eram as leituras e os significados dados por um grupo de espectadoras negras.

Bobo (1995) constatou que a partir de suas histórias pessoais e repertórios culturais, espectadoras negras negociavam suas interpretações do filme, favorecendo o encontro de elementos de (em)poderamento feminino negro na narrativa, principalmente por meio da protagonista Celie, interpretada pela atriz Whoopi Goldberg.

2.2 Breve levantamento em periódicos Qualis/Capes

Com o propósito de identificar outras perspectivas, temáticas e abordagens presentes em resumos e palavras-chave de artigos científicos, foram considerados os textos publicados nos periódicos classificados pela Qualis/Capes nos conceitos A1, A2 e B1, inseridos na área denominada “Ciências Sociais Aplicadas 1” (especialmente da área de Comunicação ou

³ O nome bell hooks é escrito em caixa baixa por preferência da autora. Segundo ela, o foco das pessoas deve estar no seu trabalho e não no seu nome.

⁴ Tradução livre das autoras: “As critical spectators, black women participate in a broad range of looking relations, contest, resist, revision, interrogate, and invent on multiple levels” (hooks, 1992, p.128).

relacionados a ela), em julho⁵ de 2013, disponíveis online de forma gratuita⁶. Dessa forma, foram contempladas revistas científicas da América Latina, de Portugal e dos Estados Unidos.

Além das contribuições já citadas, esse breve levantamento tem como referência o estudo *The state of the art in feminist scholarship in communication* (DOW; CONDIT, 2005), que apresenta o estado da arte da pesquisa feminista em comunicação, fruto da análise de artigos publicados sobre gênero e feminismo, em 12 revistas científicas de Comunicação, no período de 1998 a 2003, nos Estados Unidos.

Dentro do campo científico, suas lutas e relações de poder, Bourdieu (1983) ressalta o papel atribuído às revistas científicas, que atuam na legitimação e qualificação da produção científica.

[...] Além das instâncias especificamente encarregadas da consagração (academias, prêmios etc.), ele [*o campo científico*] compreende ainda as revistas científicas que, pela seleção que operam em função de critérios dominantes, consagram produções conformes aos princípios da ciência oficial oferecendo, assim, continuamente, o exemplo do que merece o nome de ciências, e exercendo uma censura de fato sobre as produções heréticas, seja rejeitando-as expressamente ou desencorajando simplesmente a intenção de publicar pela definição do publicável que elas propõem (BOURDIEU, 1983, p.138) (inserção e grifo nosso).

Por se tratar de uma avaliação anual, realizada por vários docentes das principais universidades brasileiras, de diferentes áreas do conhecimento, essa classificação Qualis/Capes também pode ser considerada um estímulo à concorrência científica, pois dependendo da estratificação obtida, a revista ou periódico tem a possibilidade de indexação em bancos de dados nacionais e internacionais, e tem reconhecido o “nível de qualidade” da produção intelectual dos trabalhos publicados, assim como dos programas de Pós-graduação a quais estão vinculados.

O primeiro passo para a coleta de dados foi a definição dos termos de busca, que de acordo com o idioma do periódico e as condições de funcionamento do sistema de busca dos sites pudesse facilitar esse levantamento.

Desse modo, foram utilizados os seguintes termos e seus desdobramentos: 1) Gênero: Gênero e raça (*género y raza*); relações de gênero; estudos de gênero (*gender studies*); 2) Raça: negritude; racial; relações raciais; 3) Feminismo: feminismo negro; 4) Racismo; sexismo; estereótipo; 5) Mulher: mulher negra; negra; mulheres (*mujeres*); feminino; 6) Cinema: filme; audiovisual; 7) Recepção: estudos de recepção (*recépcion; audiencia*;

⁵ Este levantamento foi realizado com base na classificação do dia 04 de julho, ou seja, é anterior à atualização que anualmente é feita no mês de agosto com base nos dados da Coleta Capes, referente ao ano anterior.

⁶ Alguns periódicos estadunidenses foram desconsiderados, porque o acesso aos resumos é cobrado.

cinematic reception; media reception; audience studies; analysis of audience); recepção cinematográfica; público feminino; audiência; audiência feminina (*público femenino; female audience/ female gaze*); espectadoras negras (*black female spectators*).

Devido à grande quantidade de textos encontrados, foram necessários uma delimitação temporal e o critério de ocorrência de no mínimo, dois artigos por cada publicação, nos quais fosse possível observar diferentes abordagens e metodologias.

Assim, o *corpus* de pesquisa foi constituído por um total de 314 artigos, publicados no período de 2000 a 2013, em 36 periódicos, sendo oito de Qualis A1, com 109 artigos; oito de Quais A2, com um total de 42 artigos; e vinte de Qualis B1, com 163 artigos.

Tabela 1 – *Corpus* de pesquisa (tipos/quantidade de periódicos e total de artigos)

Qualis A1	Qualis A2
1. Comunicar - Espanha 2. Critical Studies in Media Communication - EUA 3. Journalism & Mass Communication Quarterly - EUA 4. Journalism Studies - EUA 5. Journal of Communication – EUA 6. Media, Culture & Society – EUA 7. Chasqui - Revista Latinoamericana de Comunicación 8. Television & New Media - EUA	1. Comunicar - Espanha 2. Comunicación y Sociedad - México 3. E-Compós – Brasil 4. Galáxia - Brasil 5. Global Media Journal - EUA 6. Intercom - Brasil 7. FAMECOS - Brasil 8. The Journal of Communication Inquiry - EUA
Total de artigos: 109	Total de artigos: 142
Qualis B1	
1. Comunicar - Espanha 2. Animus - Brasil 3. Comunicação e Sociedade - Portugal 4. Comunicação e Inovação - Brasil 5. Comunicação, Mídia e Consumo - Brasil 6. Comunicação & Sociedade – Brasil 7. Contemporanea (UFBA)– Brasil 8. Contracampo - Brasil 9. Derecho a Comunicar - México 10. Diálogos de la Comunicación - Latinoamericana	11. Em Questão - Brasil 12. Feminist Studies - EUA 13. In Texto - Brasil 14. Palavra Clave - Colômbia 15. Razón y Palabra - México 16. Eco-Pós – Brasil 17. Revista Estudos Feministas - Brasil 18. Rumores – Brasil 19. Sessões do Imaginário – Brasil 20. Significação – Brasil
Total de artigos: 163	

Fonte: Levantamento de artigos científicos elaborado pelas autoras

Após a leitura dos resumos e palavras-chave, os artigos de cada periódico foram agrupados nas seguintes categorias e subcategorias: (a) Tema de estudo (Comunicação e Gênero; Comunicação, Gênero e Raça; Comunicação e Raça); (b) Período: (Anos 2000 a 2009; Anos 2010 a 2013); (c) Objeto de investigação (Feminino; Masculino; Relações (de gênero/raciais); (d) Veículo de comunicação (Cinema; Publicidade; Rádio; Televisão; Audiovisual; Impresso; e Meios de comunicação⁷); (e) Uso de pesquisa de recepção.

Neste *corpus* foram contempladas contribuições de pesquisadores de diferentes campos do conhecimento, que juntamente com os estudiosos da Comunicação investigam as conexões entre os produtos culturais sócio-midiáticos e a construção das identidades e subjetividades nas sociedades contemporâneas.

3 Apresentação e análise dos resultados

3.1 A interseção entre gênero e raça

Neste universo de 314 resumos analisados, 241 artigos científicos, ou seja, mais de 75% do total abordam a questão de gênero⁸ na Comunicação, enquanto a interseção entre gênero e raça é contemplada em apenas 30 artigos, dos quais 18 têm como objeto a televisão, o cinema e o audiovisual. Destas, somente três estudos desenvolvem pesquisa de recepção.

Tabela 2 –Gênero e a interseção de gênero e raça nos estudos de comunicação e recepção audiovisual

Tema de estudo	Tipo de periódico			Período de publicação	
	A1	A2	B1	2000 a 2009	2010 a 2013
A- Comunicação e gênero	62	33	146	191	50
B- Comunicação, gênero e raça	16	3	11	21	9
CINEMA, TELEVISÃO E AUDIOVISUAL	7	1	10	12	6
Recepção	3	0	1	4	0
OUTROS MEIOS (Publicidade, rádio, internet e mídia impressa)	9	2	1	9	3
Recepção	3	0	0	3	0

⁷ Termo usado quando o veículo não é especificado.

⁸ Embora sejam relevantes, os estudos que abordam “apenas” a questão de gênero constituem um extenso *corpus* de pesquisa de excede os limites e os objetivos desse artigo.

--	--	--	--	--	--	--

Fonte: Levantamento de artigos científicos elaborado pelas autoras

O impacto dos conteúdos midiáticos na definição de um padrão de beleza e na formação das identidades de mulheres e adolescentes negras; a análise de “imagens” atribuídas ao feminino negro, bem como múltiplas e diferenciadas leituras elaboradas pela espetatorialidade negra são alguns dos temas discutidos nos resumos encontrados.

As implicações das representações de gênero e raça são analisadas por Boylorn (2008), no artigo *As seen on TV: An autoethnographic reflection on race and reality television*. O pesquisador propõe o uso de um “olhar de oposição” (“*oppositional gaze*”) e uma “leitura de oposição” (“*oppositional reading*”) para que espectadoras negras possam questionar as imagens de mulheres negras veiculadas em *reality shows*.

Hasinoff (2008) ressalta que ainda são poucos os estudos sobre a representação racial de gênero. Neste contexto, a autora analisa os discursos sobre raça e transformações de identidades raciais veiculadas no *reality show America's Next Top Model*, criado e apresentado pela modelo negra Tyra Banks.

A partir de uma pesquisa de recepção com 178 estudantes, Botta (2000) analisa como as imagens e os conteúdos televisivos afetam adolescentes negras e brancas no que se refere à imagem corporal e ao desenvolvimento de transtornos alimentares.

No artigo *The Black Woman As Marker of Hypersexuality in Western Mythology: A Contemporary Manifestation in the Film The Scarlet Letter*, Abraham (2002) faz a partir deste filme, uma revisão da iconografia ocidental em torno da sexualidade negra na Europa do século XIX e seus desdobramentos na mitologia americana contemporânea; e considera a audiência, ao propor uma interpretação polissêmica do texto fílmico, a partir do olhar masculino hegemônico ou de um olhar feminino subversivo.

Assim como em outros países, também na pesquisa brasileira, a televisão é o veículo mais estudado, especialmente a telenovela. Mauro e Trindade (2012) analisam o discurso da personagem “Maria da Penha”, interpretada pela atriz Taís Araújo, na novela *Cheias de Charme*⁹, com o objetivo de “mapear a representação da personagem enquanto empregada doméstica negra brasileira em ascensão social e verificar se tal representação constitui uma

⁹ A novela “Cheias de Charme” foi produzida e exibida pela Rede Globo de abril a setembro de 2012. Escrita por Filipe Miguez e Izabel de Oliveira, a trama retratou a história de superação de três empregadas domésticas Maria da Penha, Maria Aparecida (Cida) e Maria do Rosário.

perspectiva de mudança na prática”. Embora os autores não apontem o uso da categoria “raça”, a descrição da personagem no resumo indica seu grupo racial.

Ainda sobre telenovela, o estudo de Andrade (2009) investiga os processos de representação da identidade negra brasileira, a partir do romance inter-racial entre os personagens Evilásio e Júlia, na novela *Dois Caras*.

No artigo *O negro na dramaturgia, um caso exemplar da decadência do mito da democracia racial brasileira*, Araújo (2008) analisa o racismo na comunicação audiovisual, por meio da “percepção dos estereótipos negativos sobre os afro-brasileiros”.

Coutinho (2010) aborda a musicalidade negra na série *Antônia* como elemento identitário, ao relacionar o rap com outras expressões culturais da diáspora negra.

Alguns estudos analisam o cruzamento entre gênero e raça, mas referem-se à questão racial como identidade étnica, considerada como moderador nas formas como estudantes universitárias negras se relacionam com os modelos de beleza, veiculados em vídeos de rap (ZHANG; CONRAD, 2009).

Molina Guzmán (2006) realiza uma pesquisa de recepção sobre a identidade latina, construída no filme *Frida* (Julie Taymor, 2002). A autora compara os discursos veiculados pelos produtores do filme, pela cobertura jornalística e também as percepções do público, diferentes comunidades que negociam os significados da latinidade construída nesta narrativa cinematográfica.

O uso do conceito de etnia em detrimento de raça também é observado em artigos de pesquisadores/as brasileiros/as, como por exemplo, em *Mulheres negras nos jornais: exclusão, gênero e etnia*, no qual os autores Christofolletti e Watzko (2009), afirmam ter adicionado à questão de gênero ao “fator étnico” na investigação sobre a presença de negros nas fotografias dos jornais catarinenses.

Embora não tenha sido contemplado no referido levantamento, visto que não tem um veículo de comunicação como objeto de estudo, o artigo de Oliveira e Vieira (2009) vale ser mencionado, visto que ressalta uma temática ainda pouco explorada: o consumo para as mulheres negras, especialmente no que se refere à manipulação dos cabelos. Segundo os autores, o consumo se constitui uma prática material e simbólica que expressa pertencimento social e étnico, assim como os conflitos e significados vivenciados pelas mulheres negras, numa sociedade que não as reconhece como um modelo de beleza.

São relevantes ainda algumas abordagens das identidades de gênero e raça na mídia impressa. Reviere e Byerly (2012) analisam a diferença racial em colunas de conselhos sobre

sexo de duas revistas femininas populares, *Essence* e *Cosmopolitan*, direcionadas respectivamente para leitoras negras e brancas.

3.2 A questão racial na pesquisa em Comunicação

Apesar de não problematizarem a questão de gênero, a categoria de raça aparece em 43 artigos, sendo que deste total, 21 se situam no âmbito da comunicação audiovisual.

Tabela 3 – Raça nos estudos de comunicação e recepção audiovisual

C- Comunicação e raça	Tipo de periódico			Período de publicação	
	A1	A2	B1	2000 a 2009	2010 a 2013
	31	6	6	29	14
CINEMA, TELEVISÃO E AUDIOVISUAL	16	4	1	14	7
Recepção	5	2	0	6	1
OUTROS MEIOS (Publicidade, rádio, internet e mídia impressa)	15	2	5	15	7
Recepção	6	1	0	6	1

Fonte: Levantamento de artigos científicos elaborado pelas autoras

O conceito de raça aqui empregado remete a uma forma de classificação social, que a partir de diferenças fenotípicas definem o nível de aceitação de homens e mulheres nos processos cotidianos de inclusão social e profissional. Como ressalta Hall (2003, p.69) “‘Raça’ é uma construção política e social. É a categoria discursiva em torno da qual se organiza um sistema de poder socioeconômico, de exploração e exclusão – ou seja, o racismo”.

Publicadas principalmente em periódicos estadunidenses, as pesquisas encontradas neste levantamento confirmam a invisibilidade de raça no campo da comunicação audiovisual e recepção no Brasil, aspecto já observado por Caldwell (2000) e Azeredo (1994) nos estudos feministas brasileiros.

No artigo *Three satiric television decoding positions*, Perks (2012) apresenta os resultados de seu estudo de recepção com grupos focais para análise de estereótipos raciais veiculados na comédia televisiva *Chappelle's Show*.

Estudantes universitários/as compõem o público estudado por Buffington e Fraley (2008) no artigo *Skill in Black and White: Negotiating Media Images of Race in a Sporting Context*. A partir de uma pesquisa de recepção televisiva, os autores revelam as percepções dos/as espectadores/as quanto à questão racial, enfatizada por locutores esportivos na construção das habilidades de atletas brancos e negros.

Na pesquisa brasileira de Comunicação, foi encontrado neste levantamento apenas um único estudo de recepção que aborda a questão racial (analisada como identidade étnica/cultural). Ao investigar atuação de participantes do movimento negro de Santa Maria/RJ, Ronsini e Oliveira (2007) discutem as relações entre “etnia, movimento social e mídia”. Segundo as autoras, a mobilização política, a singularidade cultural do grupo estudado, bem como a opressão específica que os indivíduos sofrem são aspectos importantes para a conformação da identidade de tais participantes.

O universo da música brasileira é estudado nos trabalhos de Trotta e Santos (2012) e Sovik (2005). O primeiro, usa a canção *Respeitem meus cabelos brancos*, do cantor Chico César para estudar os possíveis deslocamentos acerca da negritude no Brasil; já o segundo propõe uma reflexão sobre a invisibilidade da branquitude na mídia e na música popular brasileira.

A questão racial é discutida ainda na análise de *webseries* brasileiras (SANTOS, 2013); nas representações do Dia Nacional da Consciência Negra, veiculadas pela rede Globo e pela TV Brasil (SANTOS; LOPES, 2010); e na predominância do ideal de branqueamento na publicidade brasileira, constatada em uma análise de anúncios comerciais entre 1985 e 2005 (MARTINS, 2009).

4 CONSIDERAÇÕES

Diante da limitada representatividade de estudos que analisam a interseção de gênero e raça, pode-se afirmar que ainda permanecem escassas tais investigações na pesquisa em comunicação, especialmente no Brasil.

Essa falta de pesquisa integrada sobre raça e gênero revela uma visão monolítica sobre a constituição de gênero no país, o que impossibilita analisar como tais categorias incidem no reconhecimento das mulheres brasileiras, tanto no contexto social, quanto na produção simbólica.

No conjunto de artigos que analisam a questão de gênero, pode-se observar uma maior diversidade de temáticas, como por exemplo, a análise de representações das masculinidades e a articulação entre gênero e idade (com estudos sobre a representação da velhice e dos envelhecimentos femininos em filmes e séries televisivas); e também a utilização de inovações teórico-metodológicas, com destaque para as metodologias de recepção, com o uso de técnicas de entrevistas, grupos focais e acompanhamento de comentários *online*.

Nos estudos de recepção com recorte em estudos feministas e de gênero, evidenciam-se a complexidade dos elementos simbólicos que permitem interações na urdidura da trama cultural e na capacidade de dar visibilidade ao espaço doméstico como possibilidade de criatividade, iniciativa e liberdade (MONTORO, 2013, p. 80)

Os diferentes artigos sobre recepção televisiva apontados neste levantamento novamente confirmam este veículo como o mais estudado. Observando o panorama nacional, investigações sobre os diversos públicos (infantil, adolescente, feminino, etc) e seus modos de leitura e consumo de uma gama de programas televisivos se juntam a análise da mediação da identidade cultural regional como fatores que incidem sobre as formas de recepção midiática (JACKS; MENEZES; PIEDRAS, 2008; JACKS; MENEZES, 2006).

A partir dos dados coletados, pode-se afirmar que a interseção entre gênero e raça é timidamente contemplada nos estudos de recepção no âmbito da produção científica brasileira. Esta lacuna poderia acenar e indicar as preferências e os interesses desse grupo racial que constitui segundo dados do Censo de 2010, cerca de 50,7% da população brasileira (IBGE, 2010).

A fragilidade metodológica, apontada por Jacks (2011), como uma das dificuldades para o desenvolvimento das pesquisas de recepção no campo da comunicação pode ser um aspecto que contribui para a compreensão de tal panorama, visto que a complexidade de tais estudos exige um maior investimento teórico-metodológico para a pesquisa empírica.

Neste sentido, vale mencionar a pesquisa de Soares (2008), que mesmo realizado no campo da Educação, configura-se uma importante contribuição para os estudos de recepção com recorte de raça e gênero, pois a autora buscou examinar como jovens mulheres negras estudantes da cidade de Pelotas/RS constroem suas identidades a partir de suas interações com o discurso estético hegemônico da mídia.

O estudo ressalta que a falta de referências locais, no que concerne às perspectivas profissionais para mulheres negras, favorece que tais referências sejam buscadas por intermédio da mídia. Porém, a leitura negociada que as jovens fazem, ao identificar a ausência

de pessoas negras e também supervalorizar as poucas imagens destas, independentemente da visível desvantagem em relação às pessoas brancas é um aspecto que reitera a complexidade das formas de decodificação dos conteúdos midiáticos.

Soares (2008) aponta ainda que as participantes revelam o entendimento da condição étnico-racial como um fator que pode dificultar a construção de relações afetivas, o que segundo a autora confirma o quanto as tensões relativas às questões étnico-raciais e de gênero (e de classe) se relacionam com a economia do afeto, tanto na construção das personagens femininas negras na mídia, quanto na vida dessas jovens estudantes negras.

Araújo (2000) ressalta que nos Estados Unidos, os estudos de recepção visam compreender como a diferença racial determina a recepção dos conteúdos midiáticos.

Desde 1970 os grupos de pressão afro-americanos, que lutavam pelo controle e inclusão de imagens mais verdadeiras, a partir da perspectiva de seu grupo racial, acreditavam na existência de fortes diferenças de hábitos e de recepção entre os principais segmentos raciais e étnicos norte-americanos. A partir de suas pressões, pesquisadores começaram a fazer amostragens de recepção por grupo racial e constataram que realmente ela era fortemente diferenciada (ARAÚJO, 2000, p. 61).

Segundo o autor, a falta de pesquisas sobre os hábitos e características da recepção de tevê pela população negra brasileira confirma a naturalização de um referencial estético e cultural eurocêntrico que estrutura o mito da democracia racial.

Tal mito indica as complexidades e contradições da convivência inter-racial no Brasil, marcada por um racismo silencioso, que no espaço público, na suposta universalidade das leis e dos direitos nega a categoria racial e mostra-se assimilacionista no plano da cultura (SCHWARCZ, 2012). Mas no âmbito da intimidade, a discriminação toma a forma de desigualdades e hierarquias cotidianas.

Ainda sobre raça, vale apontar que em alguns resumos analisados tal conceito é incorporado à noção de etnia ou identidade étnica. O uso de tais conceitos se deve segundo Gomes (2005) ao receio de muitos/as pesquisadores/as brasileiros de se restringir ao determinismo biológico, já refutado pelos estudos em biologia e genética.

Em contraponto, a autora destaca a resignificação de raça efetuada pelos movimentos negros diante da especificidade do racismo brasileiro, com suas dimensões históricas e culturais, e principalmente sua ênfase nos caracteres físicos, que definem o nível de inserção de homens e mulheres negras nos processos cotidianos de inclusão social e

profissional na sociedade brasileira. Logo, o conceito de etnia é insuficiente para abarcar tais complexidades, já que a discriminação cultural¹⁰ vem na esteira do físico (GOMES, 2005).

Dessa forma, os traços físicos (cor da pele, textura dos cabelos, espessura dos lábios, tamanho do nariz, entre outros) são elementos centrais na construção dos “lugares” reservados às mulheres negras também nas narrativas audiovisuais, principalmente de forma hierarquizada com relação à mulher branca (modelo de beleza legitimado). O conceito de raça mostra-se fundamental para refletir sobre as assimetrias que permeiam tanto a produção, quanto a recepção das mensagens.

Vale salientar as limitações e dificuldades enfrentadas na realização deste levantamento, como a falta de coerência entre a proposta dos resumos e as palavras-chave; e a impossibilidade de observar um efetivo uso de autores/as ou referenciais teórico-metodológicos específicos da comunicação nos trabalhos (especialmente sobre recepção), já que nem sempre tais referências constam nos resumos.

Sifuentes, Silveira e Oliveira (2012) enfatizam a necessidade de desenvolver estudos que articulem feminismo e os meios de comunicação de massa, perspectiva ainda incipiente nas principais revistas feministas no Brasil.

Além dessa articulação, o levantamento aqui apresentado evidencia também o desafio urgente de contemplar nos estudos de comunicação audiovisual, em especial as pesquisas de recepção, a interseção entre gênero e raça, assim como outros marcadores sociais, que determinam os modos de leitura, os usos, as preferências e as diferentes mediações elaboradas pelas espectadoras brasileiras.

O desenvolvimento de pesquisas científicas que analisem as experiências das mulheres negras, no campo dos estudos de comunicação e recepção, contribui para que elas sejam reconhecidas na condição de sujeito, capazes de aderir, se opor ou negociar as representações que são construídas e veiculadas pelo cinema. Tal perspectiva confirma a relevância do pessoal como político, pois são nas práticas cotidianas, que o texto fílmico, “previamente” construído pela/o cineasta é inserido e reescrito dentro dos repertórios culturais, das histórias de vida, dos afetos e relações de pertencimento de cada espectadora.

¹⁰ Discriminação à religião, ritmos, hábitos e valores.

REFERÊNCIAS

- ABRAHAM, L. K. The Black Woman As Marker of Hypersexuality in Western Mythology: A Contemporary Manifestation in the Film *The Scarlet Letter*. **Journal of Communication Inquiry**, 2002, v. 26, 2, p. 193-214.
- ANDRADE, Danúbia. Relações raciais na telenovela “Duas Caras”: Evilásio e Júlia: um romance inter-racial. **Rumores - Revista de Comunicação, Linguagem e Mídias**, v. 3, n. 1, 2009.
- ARAÚJO, Joel Zito. **A negação do Brasil: o negro na telenovela brasileira**. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2000.
- _____. O negro na dramaturgia, um caso exemplar da decadência do mito da democracia racial brasileira. **Estudos Feministas**, v. 16, n. 3, p. 979-985, 2008.
- AZEREDO, Sandra. Teorizando sobre gênero e relações raciais. **Estudos Feministas**. Número Especial. Florianópolis: UFSC, 1994.
- BAMBA, Mahomed. **A recepção cinematográfica: teoria e estudos de casos**. Salvador: EDUFBA, 2013.
- BOBO, Jacqueline. **Black women as cultural readers**. Columbia University Press, 1995.
- BOURDIEU, Pierre. O campo científico. In: ORTIZ, Renato (org.). **Pierre Bourdieu: sociologia**. São Paulo: Ática, 1983, pp.122-155
- BOYLORN, Robin M. As seen on TV: An autoethnographic reflection on race and reality television. **Critical Studies in Media Communication**, v. 25, n. 4, p. 413-433, 2008.
- BOTTA, Renée A. The mirror of television: a comparison of black and white adolescents' body image. **Journal of Communication**, 50, p.144–159, 2000.
- BUFFINGTON, Daniel; FRALEY, Todd. Skill in Black and White Negotiating Media Images of Race in a Sporting Context. **Journal of Communication Inquiry**, v. 32, n. 3, p. 292-310, 2008.
- CALDWEL Lilly. Kia. Fronteiras da diferença: raça e mulher no Brasil. **Estudos Feministas**, n. 8, p.91-108, 2000.
- CHRISTOFOLETTI, Rogério; WATZKO, Roberta Cunha. Mulheres negras nos jornais: exclusão, gênero e etnia. **Revista FAMECOS: Mídia, Cultura e Tecnologia**, v. 1, n. 39, p.98-104, 2009.
- COUTINHO, L. Lúcia. A musicalidade negra na série Antônia. **Sessões do Imaginário- Cinema- Cibercultura - Tecnologias da Imagem**, n.24, p. 40-50, 2010.
- DOW, Bonnie J.; CONDIT, Celeste M. The state of the art in feminist scholarship in communication. **Journal of Communication**, v. 55, n. 3, p. 448-478, 2005.

ESCOSTEGUY, Ana Carolina; JACKS, Nilda. **Comunicação e recepção**. São Paulo: Hacker Editores, 2005.

ESCOSTEGUY, Ana Carolina D.; MARIANA, Pires. Dados para uma radiografia dos estudos brasileiros de recepção. **Revista Ícone**, Recife, v. 1, n. 6, p. 123-138, 2003.

ESCOSTEGUY, Ana Carolina. **Comunicação e gênero**: a aventura da pesquisa [recurso eletrônico]. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2008.

_____. Notas para um estado da arte sobre os estudos brasileiros de recepção nos anos 90. In: MACHADO, J.; LEMOS, A.; SÁ, S. (orgs.). **Mídia. Br**, Porto Alegre, Sulina, 2004.

FERREIRA, Norma Sandra de Almeida. As pesquisas denominadas "estado da arte". **Educação & Sociedade**, Ago 2002, vol.23, no.79, p.257-272

GOMES, Nilma Lino Gomes. Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre relações raciais no Brasil: uma breve discussão. In: BRASIL. Ministério da Educação. **Educação Anti-Racista**: caminhos abertos pela Lei Federal nº10.639/03, Coleção Educação para Todos. Brasília: MEC e Unesco, p.39-64, 2005.

HALL, Stuart. **Da diáspora**: Identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

HASINOFF, Amy Adele. Fashioning race for the free market on America's Next Top Model. **Critical Studies in Media Communication**, v. 25, n. 3, p. 324-343, 2008.

hooks, bell. The Oppositional Gaze. In: _____. **Black Looks**: Race and Representation. London: Turnaround, 1992, 115-131.

IBGE, Censo Demográfico 2010. Censo demográfico 2010: Características da população e dos domicílios: resultados do universo. Access in: 13 August 2014.

JACKS, Nilda ; MENEZES, Daiane . Estudos de recepção e identidade cultural: abordagens brasileiras na década de 90. **Revista Latinoamericana de Ciencias de la Comunicación**, v. 5, p. 164-175, 2006.

JACKS, Nilda Aparecida; MENEZES, Daiane; PIEDRAS, Elisa. **Meios e audiências**: a emergência dos estudos de recepção no Brasil. Editora Sulina, 2008.

JACKS, Nilda et al. **Estudos brasileiros de recepção**: a produção acadêmica da década de 90. Porto Alegre: PPGCom/URFGS, 2002.

JACKS, Nilda. **A recepção na querência**: estudo da audiência e da identidade cultural gaúcha como mediação simbólica. Tese. USP, 1993. [Publicado como "Querência: Cultura regional como mediação simbólica – Um estudo de recepção". Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 1999. v. 1.]

JACKS, Nilda. Pesquisa sobre audiências midiáticas no Brasil: primórdios, consolidação e novos desafios. In: JACKS, Nilda et al. (org.). **Análisis de recepción em América Latina**. Ciespal, Quito, 2011, p.69-102.

LAURETIS, Teresa de. A tecnologia do gênero. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de. **Tendências e Impasses: o feminismo como crítica da cultura**. Rio de Janeiro, Rocco, 1994, p.206-242.

MARTÍN-BARBERO, Jesus. **De los medios a las mediaciones: Comunicación, cultura y hegemonia**. México: Gustavo Gili, 1987.

MARTINS, Carlos Augusto de Miranda e. Negro, publicidade e o ideal de branqueamento da sociedade brasileira. **Rumores - Revista de Comunicação, Linguagem e Mídias**, v. 2, n. 3, 2009.

MASCARELLO, Fernando. Os estudos culturais e a recepção cinematográfica: um mapeamento crítico. **Revista ECO-PÓS**, v. 7, n. 2, agosto-dezembro de 2004, p. 92-110, 2004.

_____. **Procura-se a audiência cinematográfica brasileira desesperadamente, ou Como e por que os estudos brasileiros de cinema seguem textualistas**. Trabalho apresentado no XXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação (Intercom 2005), UERJ, Rio de Janeiro, 2005.

MAURO, Rosana; TRINDADE, Eneus. Telenovela e discurso como mudança social na análise da personagem Maria da Penha em Cheias de Charme. **Em questão**, v. 18, n. 2, p.169-180, 2012.

MOLINA GUZMÁN, Isabel. Mediating Frida: Negotiating discourses of Latina/o authenticity in global media representations of ethnic identity. **Critical Studies in Media Communication**, v. 23, n. 3, p. 232-251, 2006.

MONTORO. Estudos de recepção do audiovisual na interface com estudos de gênero e crítica feminista. In: BAMBA, Mahomed. **A recepção cinematográfica: teoria e estudos de casos**. Salvador: EDUFBA, 2013.

_____. Protagonismos de gênero nos estudos de cinema e televisão no País. **Revista Lumina**, dezembro de 2009, n. 2, v.3, p.01-18.

OLIVEIRA, Josiane Silva de; VIEIRA, Francisco Giovanni David. Os bens de consumo como mecanismo de mediação da reprodução cultural das mulheres negras. **Comunicação Mídia e Consumo**, v.6, n.17, p. 73-99, 2010.

PERKS, Lisa Glebatis. Three satiric television decoding positions. **Communication Studies**, v. 63, n. 3, p. 290-308, 2012.

REVIERE, Rebecca; BYERLY, Carolyn M. Sexual Messages in Black and White: A discourse analysis of Essence and Cosmo. **Feminist Media Studies**, v. 13, n.4, p. 676-692, 2013.

RONSINI, Veneza M.; OLIVEIRA, Vanessa de. Política de identidade e mídia. **Revista E-compós**, v. 10, p.1-16, 2007.

RONSINI, Veneza M. **Cotidiano rural e recepção da televisão: o caso Três Barras**. Dissertação de Mestrado. Universidade de São Paulo (USP), 1993.

SANTOS, Sales Augusto dos; LOPES, Ivonete da Silva. A Representação dos Negros na Rede Globo e na TV Brasil na Semana do “Dia Nacional da Consciência Negra”. **Revista ECO-PÓS**, v. 13, n. 2, p. 85-105, 2010.

SANTOS, Wellington Oliveira dos. Relações raciais em webseries brasileiras: perpetuação de velhas hierarquias raciais na era da web. **Animus - Revista Interamericana de Comunicação Midiática**, v. 12, n. 23, 2013.

SANTOS, Wellington Oliveira dos; SILVA, Paulo Vinícius Baptista da. Racismo discursivo na mídia da saúde: análise a partir dos personagens presentes nos cadernos de saúde de jornais. **Comunicação, Mídia e Consumo**, v. 8, n. 21, p. 181-200, 2011.

SCOTT, Joan Wallach. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**. Porto Alegre, vol. 20, nº 2, jul./dez. 1995, pp. 71-99.

SCHMIDT, Simone Pereira. Cravo, canela, bala e favela, canela, bala e favela. *Revista Estudos Feministas*, v. 17, n. 3, p. 799-817, 2009.

SCHWARZ, Lilia Moritz. **Nem preto nem branco, muito pelo contrário**: cor e raça na sociabilidade brasileira. São Paulo: Claro Enigma, 2012.

SIFUENTES, Lírian; SILVEIRA, Bruna Rocha; OLIVEIRA, Janaina Cruz. Mídia e relações de gênero nas publicações feministas brasileiras. **Derecho a comunicar**, n. 4, p. 187-203, 2012.

SMELIK, Anneke. Feminist Film Theory. In: COOK, Pam; BERNINK, Mieke (eds). **The Cinema Book**, second edition. London: British Film Institute, 1999, pp 353-365.

SOARES, Diony Maria Oliveira. **Espelho, espelho meu, eu sou bela? Estudando sobre jovens mulheres negras, discurso estético, mídia e identidade**. 2008.180 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação. Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2008.

STAM, Robert. O nascimento do espectador. In: _____ **Introdução à teoria do cinema**. Campinas, São Paulo: Papyrus, 2003, p.255-260.

SOVIK, Liv. Por que tenho razão: branquitude, Estudos Culturais ea vontade de verdade acadêmica. **Contemporanea - Revista de Comunicação e Cultura**, v. 3, n. 2, p. 159-180, 2009.

TROTTA, Felipe da Costa; SANTOS, Kywza J. F. P. dos Santos. Respeitem meus cabelos, brancos: música, política e identidade negra. **Revista FAMECOS: Mídia, Cultura e Tecnologia**, v. 19, n. 1, p. 225-248, jan./abr. 2012.

ZHANG, Yuanyuan; DIXON, Travis L.; CONRAD, Kate. Rap Music Videos and African American Women's Body Image: The Moderating Role of Ethnic Identity. **Journal of Communication**, 59, p. 262–278, 2009.

Original recebido em: 28/02/2014
Aceito para publicação em: 20/07/2014

Tania Montoro

PHD em Comunicação Audiovisual e Publicidade - Universidad Autonoma de Barcelona. Professora de Teoria e estética do cinema e televisão; comunicação audiovisual e estudos de gênero na Graduação e no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade de Brasília (UnB). Pesquisadora do CNPQ.

Conceição de Maria Ferreira Silva
(Ceça Ferreira)

Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade de Brasília (UnB), na linha de pesquisa Imagem e Som. Bolsista Reuni/Capes.